



Chop Hauer em: Necessidades¹

Stael MAIA²
Lucas MOURA³
Aleta DREVES⁴

Universidade Federal do Acre, Rio Branco, AC

RESUMO

A fotonovela “Chop Hauer”, no episódio “Necessidades”, constitui-se de um mecanismo ilustrativo em torno do pensamento filosófico. Esta proposta surgiu de uma atividade avaliativa da disciplina de Introdução às Técnicas Fotográficas, com a visão de expor no espaço acadêmico a aliança de técnicas fotográficas com o campo da Filosofia. Seu roteiro foi produzido a partir da adaptação de uma parábola sobre Nasrudin, um sábio da Turquia. Foi construída em etapas distintas: síntese de uma temática, construção de roteiro para a fotonovela, ensaio fotográfico e edição gráfica, sendo que cada estágio foi supervisionado pela orientadora do trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: Fotonovela; Filosofia; Necessidades; parábola; atitude filosófica.

INTRODUÇÃO

O homem acredita numa infinidade de ideias que são aceitas sem questionamentos, muitas por serem evidentes, enquanto outras apenas por passarem despercebidas. Em função dessas crenças acreditamos que as coisas, fatos e situações se dispõem em torno das nossas vidas, que podem ser conhecidas e ser controladas por nós sejam elas em suas quantidades ou em específicas qualidades. É de feitio do ser humano escolher suas atitudes, ações, ideias e sentimentos, o que o levar a crer que ele próprio exerce liberdade nas suas escolhas, apesar de ser dominado e construído pelas regras da sociedade. O que aconteceria se por ventura os seres humanos passassem, ao invés de aceitar, a desconfiar de tudo que lhes é dado pelo mundo?

Os conflitos existentes entre as vontades e os diversos princípios estabelecidos pela vida em sociedade são capazes de levar o homem a sair de uma atitude passiva de pensamento para uma iniciativa questionadora e na busca pela necessidade do saber. “A Filosofia se

¹ Trabalho submetido ao XVIII Prêmio Expocom 2011, na Categoria Produção Editorial e Produção Transdisciplinar em Comunicação, modalidade Fotonovela.

² Aluna líder do grupo e estudante do 6º Semestre do Curso de Comunicação Social – Jornalismo, email: staelmmoura@hotmail.com.

³ Estudante do 4º Semestre do Curso de Comunicação Social – Jornalismo, email: lucasx2099@gmail.com

⁴ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social – Jornalismo. Email: aleta.ac@gmail.com



interessa por aquele instante em que a realidade natural (o mundo das coisas) e a realidade histórico-social (o mundo dos homens) tornam-se estranhas” (CHAUI, 2009:15).

As características da eclosão da filosofia são sensivelmente perceptíveis em muitas obras de caráter educativo e moral. Na construção da fotonovela procuramos fazê-la de um gênero textual que de forma simples remetesse significativamente à temática da origem filosófica. A parábola “Necessidades”, publicada no livro “As parábolas e contos de Nasrudin” de Alexandre Rangel, se adequou nesse conceito, uma vez que como característica do gênero, possui uma razão moral de cunho implícito ou explícito. Nasrudin é um herói famoso na Turquia, autor de parábolas e contos em que é narrador-personagem. Sua obra foi reinventada e transmitida a diversas culturas pelo Oriente e Europa, seu personagem é um eremita do deserto carregado de sabedoria popular e bom humor. O mestre, no texto tomado como referência para a fotonovela, nos faz lembrar a cerca do conflito, chave para o nascimento do pensamento filosófico, ao apresentar questões de aspecto religioso e das necessidades do homem.

Nesse contexto, os sentidos implícitos na codificação verbal da parábola são absorvidos pelo leitor conforme é sua cultura e exige uma gama de experiências que não é vivenciada igualmente por quaisquer que sejam os receptores. Esse direito é assegurado em Bakhtin, onde a palavra é um bem comum, a palavra assim como outros signos é “interindividual”.

Os signos só podem aparecer em um terreno interindividual. Ainda assim, trata-se de um terreno que não pode ser chamado de “natural” no sentido usual da palavra: não basta colocar face a face dois homo sapiens quaisquer para que os signos se constituam. É fundamental que esses dois indivíduos estejam socialmente organizados, que formem um grupo (uma unidade social): só assim um sistema de signos pode constituir-se. (BAKHTIN, 2006:33)

Na fotonovela, história em quadrinhos em que os desenhos são substituídos por fotografias, existe a possibilidade de através da expressão corporal e da linguagem escrita ser repassado para o receptor mais uma nova forma de absorver um texto. É importante afirmar que texto não se limita aqui somente à produção escrita, ele tem uma existência concreta, vista nos filmes, anúncios, pinturas, músicas, etc. e nesta dimensão a fotonovela é destinada ao observador e sua consciência dispendo-se sempre à recriação de fatos.

A fotonovela tem sua origem ligada a reproduções de obras cinematográficas pelo mundo. A economia na produção, a escala em que eram publicadas em jornais, folhetins e revistas, além das inúmeras possibilidades de propagação deste meio, fizeram-no popular a

partir da década de 40, em correspondência ao aumento da popularidade dos filmes. Vimos que as fotonovelas, por se ajustarem no conceito da comunicação de massa, “elevaram o nível de informação das grandes populações (...) levando-os de uma participação ativa a um mero conhecimento passivo” (MERTON E LAZARFELD, 1948)⁵.

Chop Hauer foi possível reunindo todas estas ações, inicialmente no argumento da origem da atitude filosófica do homem, ação de observar de forma mais racional uma ação humana, negando as crenças sobre ela apresentadas no âmbito de atingir uma verdade, sendo destarte pautada na Filosofia. Na medida em que trabalhamos técnicas de pesquisa e fotográficas passamos a entender melhor a funcionalidade da fotonovela e sua aplicação como produto para as massas.

OBJETIVO

A meta da atividade proposta pela orientadora era delineação de um tema, para que em seguida a elaboração de um pequeno roteiro, este passo deveria ser seguido pelo discente com a aplicação de técnicas fotográficas e da linguagem visual em uma fotonovela.

O foco na retratação de um argumento filosófico foi o impulso principal para a construção de um roteiro que se ajustasse ao desígnio que nos foi dado, sendo que o intuito de nossa pesquisa para que chegássemos até parábola “Necessidades” e à elaboração do episódio foi apoiar-se na liberdade de criação dada pela professora, a fim de expormos dentro meio acadêmico algo que levasse à reflexão sobre questionamentos presentes na própria Comunicação Social.

Pretendemos com o embasamento filosófico de um sábio popular aproximar o pensamento crítico do leitor com a publicação em um meio da cultura de massa, taxado como empobrecedor e de efeito narcotizante sobre a população. Visamos à contemplação e a criação de um convite oferecido pela exploração das imagens, lançando-se do uso de técnicas fotográficas estudadas.

JUSTIFICATIVA

A opção por trabalhar com o pensamento filosófico como raiz de uma fotonovela veio da necessidade de conflitar a ideia de “entretenimento”, característica fortemente atrelada

⁵ Ensaio de Robert K. Merton e Paul F. Lazarsfeld publicado na coletânea de artigos Teoria da Cultura de Massa (LIMA, Luiz Costa. 2000:109)



não só a este, mas à grande maioria das mídias de cultura de massa. Nesse sentido, Merton e Lazarsfeld sustentam que:

A extensão da influência que os meios de comunicação de massa têm exercido sobre sua platéia deriva não somente do que é dito porém, mais significativamente, do que não é dito. Pois esses meios não somente continuam a afirmar o status quo, mas, na mesma medida, deixam de levantar questões essenciais sobre a estrutura da sociedade. (MERTON E LAZARFELD, 1948)

Temos a visão de que entretenimento em forma de consumo e o conformismo social estão presentes em nós, nossos lares e também na sala de aula, um causa e outro consequência. Assim querer usar o objeto fotonovela como via para a Filosofia dentro do espaço acadêmico foi por cremos que os dois padrões instituídos pelo poder socioeconômico de poucas entidades nas mídias de massa podem ser substituídos por formas alternativas que carreguem atitude crítica e, principalmente, que atraia público de modo considerável sem necessariamente entorpecê-lo.

Todavia, não foi somente o caráter combativo que justificou nossa escolha quanto ao que foi desenvolvido a partir da parábola, sentimos que com o referido trabalho poderiam ser preenchidas lacunas em nosso conhecimento, mesmo que de forma superficial, quanto aos limites de atuação de um *mass media*.

A vontade de exercer com mais técnica a arte de escrever fotograficamente e a sintonia dela com as direções do roteiro mediaram nossa intenção em registrar a sequência de fotogramas.

MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

A partir do exercício que nos foi proposto, ao invés de iniciarmos a construção direta do roteiro por meio de um filme ou novela, foi formulado um propósito a para capturar o receptor: a retransmissão da atitude filosófica a partir da fotonovela. Pensamos que em nossa trama deveria existir um personagem crítico e que seu nome parodiasse de forma inteligente algum filósofo, assim a filosofia de Arthur Schopenhauer batizou nossa figura dramática principal. A exposição e a procura de gêneros que pudessem ter uma feição popular nos levaram à parábola e por consequência às histórias do mestre Nasrudin.

A pesquisa em torno de um alicerce buscou problematizar de forma científica nossa ideia inicial, reformulando-se em “A fotonovela pode retransmitir Filosofia?”. Procurando atender o conceito do que é um problema científico conforme Gil: “a pesquisa científica não

pode dar resposta a questões de “engenharia e de valor, por que sua correção ou incorreção não é passível de verificação empírica.” (GIL, 2002:24)

Chop Hauer teve que incorporar uma alma filosófica e na sequência ganhar imagem em nossas reflexões para que posteriormente víssemos a história num roteiro de fotonovela. O processo de adaptação incluiu a substituição do cenário da parábola, contudo houve a dedicação na preservação, bem como um reforço pensamento crítico do autor com elevação de itens mais simbólicos em nossa cultura.

Com uma câmera Nikon D60, exploramos nosso olhar fotográfico, ajustado pelas técnicas que nos foram orientadas, buscando enxergar que boas imagens não surgem do nada e nisso, o roteiro dotado de instruções técnicas das fotografias, tais como os planos a serem utilizados em cada cena, a profundidade de campo e a iluminação adequada, foi fundamental para “escrever com a luz” (SOUSA, 2004:35).

Tanto na fotografia, como na edição primamos o equilíbrio, conceito utilizado dentro da intenção de aproximar e fascinar o receptor. De acordo com Dondis, o equilíbrio é “a referência visual mais forte e firme do homem, sua base consciente e inconsciente para fazer avaliações visuais.” (DONDIS, 1997:32), logo não poderíamos fugir deste aspecto, e tampouco abandonar o impacto da fotografia, apontado pelo mesmo autor como:

A visão envolve algo mais que o mero fato de ver ou de que algo nos seja mostrado. É Parte integrante do processo de comunicação, que abrange todas as considerações relativas às belas-artes, às artes aplicadas, à expressão subjetiva e à resposta a um objetivo funcional. (DONDIS, 1997:10)

Direcionamo-nos pela boa exploração do contraste em suas diversas manifestações, não só no tocante à presença ou ausência da luz e cor, mas nas formas, no uso dos signos e escala. A harmonia, seu oposto, foi tida como conceito, mas procuramos primordialmente em Dondis aplicar que “contraste é um instrumento essencial da estratégia de controle dos efeitos visuais e, conseqüentemente, do significado” e também que “o contraste é ao mesmo tempo, um instrumento, uma técnica e um conceito.” (DONDIS, 1997:119)

DESCRIÇÃO DO PRODUTO

A história original resume-se na conversa de Nasrudin que, ao ser abordado por um mendigo, despeja sobre o pedinte um gama de perguntas quanto ao gosto do pobre por coisas mundanas. Após confirmar que gostava de várias, o sábio lhe dá uma quantia considerável de dinheiro. Em seguida, abordado importunamente por outro mendigo, o mestre indaga-o de

modo igual, as respostas, contudo, foram negativas. No desfecho moral da história, Nasrudin finda por dar uma esmola de valor menor ao segundo mendigo e justifica-se com o argumento de que as necessidades do primeiro pedinte são maiores do que a do segundo.

A fotonovela *Chop Hauer*, adaptou o que interpretamos da essência moral desta história ligada a conflitos como: “Quais são as necessidades do homem?”, “Sozinhos, somos capazes de enxergar nossas riquezas?”, “Como podemos compreender melhor a realidade?” dentre outras questões de cunho moral, que alavancam o pensamento filosófico.

Os fotogramas foram dispostos de acordo com as técnicas de linguagem visual, no formato A4, descritas anteriormente, procurando sempre enfatizar um aspecto artístico e expressivo dos novos personagens, um bêbado em busca do grupo de Alcoólicos Anônimos e dois mendigos das ruas de Rio Branco, Acre, nos quais *Chop Hauer* e o primeiro mendigo foram interpretados numa parceria com alunos de Artes Cênicas da Universidade Federal do Acre.

CONSIDERAÇÕES

A filosofia pesquisada em Nasrudin, incorporada com a técnica no trabalho fotográfico e a busca pela construção de uma linguagem visual expressiva, foi instrumento eficaz no auxílio à percepção de limites da alienação existentes na comunicação, haja visto que percebemos de forma mais apurada, pela experiência vinda do aparato da fundamentação teórica, que cabe a quem está por trás de um meio de comunicação desenvolver com consciência formas alternativas e que estimulem o receptor a sair da passividade.

Fugir dos padrões básicos de produção do meio da fotonovela, nos envolveu e nos diferenciou das produções comuns, trabalhamos no meio acadêmico em prol da distorção da visão existente em um meio de comunicação de forma simples, a de que ele mantém a “estrutura social e cultural vigente” (MERTON E LAZARFELD, 1948) ao invés de contribuir para sua modificação.

A escolha pela integração com alunos de Artes Cênicas o teatro nos fez perceber o quanto a expressão corporal é fundamental quando se pretende passar uma mensagem, conforme já era de nossa intenção. Nisto, através da linguagem de uma parábola explorada em técnicas para um novo código visual, foi buscada a compreensão da retransmissão de informação ao receptor, a quem atribuímos parcela importante no processo de comunicação, lugar onde o mesmo atua também como produtor, por ser capaz de absorver e reinventar mensagens dadas suas concepções, não sendo este uma mera parcela de passividade.



Entendemos que alunos de nosso curso ao terem contato com esta nova visão da fotonovela puderam lembrar e, de forma igual, incluir em suas experiências que devemos ser os precursores de uma nova comunicação, independente da carreira profissional que atuemos futuramente.

BIBLIOGRAFIA

CHAUI, Marilena. **Convite à Filosofia**. 13. ed. 9. reimpr. São Paulo: Ática, 2009.

VILABA, Rodrigo. **Teoria da Comunicação (Conceitos Básicos)**. São Paulo: Ática, 2006. Vocabulário Crítico (páginas 114 a 122).

PEREIRA, José Haroldo. **Curso Básico de Teoria da Comunicação**. 3. ed. Rio de Janeiro: UniverCidade, 2005. Glossário da Comunicação Humana (páginas 27 a 38).

ADORNO et al. **Teoria da cultura de massa**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

SOUSA, Jorge Pedro. **Fotojornalismo: Introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 12. ed. Hucitec, 2006.

DONDIS, Donis A. **Sintaxe da Linguagem Visual**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. 12. reimpr. São Paulo: Atlas, 2009. Capítulo 2 – (pág. 23 a 29)

SENAC, DN. **Fotógrafo: o olhar, a técnica e o trabalho**. Rio de Janeiro: SENAC Nacional, 2004.

PROJETO ESCOLA E CIDADANIA. **Fotografia: desenhando com a Luz**. São Paulo: Brasil, 2000.

RANGEL, Alexandre. **As Parábolas e contos de Nasrudin: a sabedoria e a irreverência da tradição sufi contada pelo mestre mais famoso do Oriente Médio**. Belo Horizonte: Leitura, 2004.

BLACKBURN, Simon. **Dicionário Oxforde de filosofia**. [tradução, Desidério Murcho... et al. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.